

Euclides da Cunha e sua obra

CYRO EHLKE

(Palestra aos microfones da PRJ-2, Rádio Clube Pontagrossense S. A., por ocasião dos festejos da "Semana Euclidiana" e da passagem do cinquentenário de "Os Sertões" — 12-8-52).

Senhoras, Senhorinhas, Senhores:

Eis que, novamente, estamos a emprestar nossa modesta colaboração aos festejos da "Semana Euclidiana". Festejos esses que, ora, assumem particularidade bastante distinta da dos anos anteriores, quando vemos passar o cinquentenário do lançamento de "Os Sertões", a obra máxima da literatura indígena.

Aqui, como em outras partes do Brasil, e mormente em São José do Rio Pardo, bêrço natal do livro, se procura festejar, pois, condignamente, esse auspicioso evento. Logo, lícito é, em homenagem ao acontecido, que rememoramos algumas facetas da obra, vida e gênio, do emérito escritor de Canta-Galo. Não tentaremos biografá-lo, porque isso demandaria em esforço notável, e faria ultrapassar, outrossim, o estrito espaço de tempo que, gentilmente, nos é franqueado aos microfones desta rádiodifusora. Rebuscaremos, no entretanto, aqui e

alí, imagens, fatos e aspectos, com relação ao Homem e sua obra, no propósito intencional de imprimir à presente palestra um cunho mais de divulgação que de estudo. E assim, pois, tanto quanto nos permitem a lembrança intelectual, e o sabor pessoal, tentemos um esvoaçar sinuoso em torno do conhecimento e da imagem escrita, para deles colher os frutos verdejantes e imaginosos, da descrição e do talento.

x x x

Disponhamos o cenário. Enveredemos aos sertões abruptos e aos invios caminhos de nossa gentil mãe pátria. Em todo o seu barbarismo e primitividade, tal é o sertão, e a fibra inata do seu habitante esquecido, o sertanejo intemerato, a nos apontar no sentido e necessidade de redescobrir o Brasil, ensinando, como ensinar bem o soube a Euclides da Cunha, o de que reservas dispõe esse mesmo interior desconhecido, essa "Terra Ignota"

no dizer próprio de um tradutor de "Os Sertões". Gênio e interior, um dia se encontrariam. E ao se defrontarem, surgiria, a bem dizer, um élo invisível que os haveria de unir e identificar, sempre, nos anseios comuns nativistas. E a Campanha de Canudos, na epopeia dos jagunços de Antonio Conselheiro, é que havia de pôr desperto, em Euclides, o sentido inteiro de um plano a elaborar, de uma obra a desenvolver. A sombra majestosa das frondosas árvores que margeiam o Rio Pardo, em sua cabana de sarrafos e fôlhas de zinco, na calma e quietude características daquele ambiente tão saudosamente lembrado, mais tarde, é que o seu espírito se haveria de iluminar com as cintilações do gênio e da inspiração fecunda, ao concatenar fatos, reunir idéias, dispor, enfim, um verdadeiro manancial de verdades assustadoras, no ideal propósito, de há muito a lhe fervilhar no cérebro, que era o de um dia relatar ao Brasil, e ao mundo, o que foram a causa e os efeitos, daqueles lastimáveis dias de Canudos, onde, simples repórter, então, compreendeu, em força e convicção, o inteiro sentido de erros e injustiças sociais e a forma de dar-lhes corrigenda.

Nas longas noites de vigília, aos intervalos de seus afanosos mistéres de engenheiro a reconstruir uma ponte, eis que iriam surgindo os esboços, as páginas e os capítulos, do que deveria chamar-se "Os Sertões". De grande valia, então, o estímulo intelectual que, felicidade sua, não lhe faltou naquele ambiente, como igualmente não lhe faltou nos momentos mais amargos de sua trágica existência, a se personificar no exemplo feliz de Francisco Escobar, e contemporâneos como Paschoal Artese, (este último que ainda vive) e outros mais.

x x x

Tão interessante quão agradável é, igualmente, estudarmos o gênio. Espírito precocemente amadurecido; fêz-se homem, sem mesmo ter sido menino, nem permitido, a si próprio, os prazeres naturais da idade. Avêso a festas, a recepções, e honorarias, não podia esconder sua aversão ao mundanismo pueril e nem às orgias silenciosas conseguiram induzi-lo os amigos da época. Amante fiel, pai e espôso amantíssimo, nem o destino, ainda, haveria de poupar-lhe a tragédia inglória, havendo por conduzi-lo, como em vida, ainda à morte, na defesa de sua honra pessoal e de seu lar profanado. Morreu, pois, como sempre vivêra. No caminho reto; com altivez e superioridade, características tão notáveis, de sua brilhante personalidade. E é interessante, outrossim, lembrarmos alguns episódios salientes, de seu arejado caráter. Acompanhem-nos, e teremos aquilardado melhor, de seu gênio e altivez. Exemplo notável, o que ocorreu na Escola Militar de seu tempo. De uma feita, para não trair seus ideais republicanos, atra, revoltado, aos pés do próprio Ministro da Guerra, sua espada de oficial. Gesto de suprema rebeldia, mas que lhe valeu a exclusão das fileiras do exército.

Numa expedição Amazonas acima, em seu então encargo oficial de demarcar fronteiras, mais uma vez seu gênio e coragem se revelariam. Pacífico que sempre o fôra, não lhe podiam caber, no entretanto, o desânimo e a deserção dos homens seus arregimentados, que não mais desejavam arremeter selva a dentro. Revólver em punho, determinado, domina os revoltosos. Intima-os a prosseguir; e o consegue, e vê coroada de êxito a missão.

Já no célebre encontro com a comissão peruana encarregada da confrontação dos cronômetros, na questão de fronteiras com nosso País, não lhe poderia agradar, em absoluto, a recepção que seria prestada aos nossos patrióticos. Conquanto a bandeira peruana se achasse, alí, profusamente espalhada, era de se notar que nem sombra sequer havia do "auriverde pendão de nossa terra que a brisa do Brasil beija e balança". Não perde a calma, porém, ainda que revoltado. E ainda ao início da refeição que lhes haveria de ser oferecida na "Curanja" peruana, pelo chefe Eloy Barbaran, eis que, súbito, uma idéia lhe acode ao cérebro. A própria mãe natureza, enfim, conspirava a nosso favor! E foi com feliz presença de espírito que, arrancando fôlhas de palmeiras alí ricamente existentes e da exata coloração verde-amarela de nossa bandeira, levanta-se, de pronto, fôlhas a mancheias, e agradece. Agradecimento que resultou desconcertante, para Eloy Barbaran e seu grupo. Nem fôra preciso, dissera, expor alí, para representar o Brasil, a bandeira de pano, no final de contas mercenário; a própria natureza disso se encarregará; alí estavam, para nos representar, soberbas e viridentes, as próprias fôlhas auriverdes das palmeiras, que, em sua altivez e retidão, eram bem símbolo do Brasil!

E as imagens se perdem, enfim, como os atos, na própria coloração dos fatos.

Hoje, no entretanto, decorridos que já são, 43 anos de sua malfadada morte, e 50 do surto vitorioso de "Os Sertões", muito há, ainda, que estudar e dizer. Sigam-lhe o exemplo os patrióticos de hoje, e de amanhã, e teremos, então, o seu tão sonhado Brasil: uno, indivisível e pleno de suas possibilidades. Não desapareceremos; mas progrediremos; para lembrarlhe o conhecido dito! Mas haveremos de marchar, é certo, para os caminhos desse seu sonhado Brasil: saneado, alfabetizado e melhormente socializado. E novas auroras haverão de surgir, e nos conduzirão, de certo, a esses justos e naturais desígnios, para felicidade nossa, e dos que haverão de vir!